

da gloria, soube elevar-se ao throno pelo brilho das victorias alcançadas no Cairo, em Arcole e Marengo.

Mas de tanto sangue derramado, de tanto esforço que resta á humanidade ? A burguezia em vez da aristocracia, o oiro em vez da espada !...

(Continúa.)

RIBEIRO DA CUNHA.



A MEMORIA DE UM LOUCO.

O Sol vinha de descamar asogueado, deixando no horizonte do poente um rastro avermelhado, e o sino da cathedral anunciava trindades ; o aspecto tranquillo do jornaleiro, que deixava o seu trabalho assíduo ; o rosto sereno da donzella, que orava ao lado de sua māi ; a phisionomia placida, e respeitavel do ancião, que de joelhos mandava graças ao creador, tão profundo me calavam n'alma, como a hora do suppicio terrivel que bate ás portas do sentenciado, o silencio religioso dessa hora consagrada ao mais santo dos deveres, coava-me pelo coração um tormento amargo e frio.

Envolto no meu manto escuro, fui do povoado, furtando-me ás vistas esquadriñadoras do povo, como se me julgasse uma maldição animada, evitando o contacto dos entes de minha especie, como se fora uma mizeria vivente ; procurei o campo, e fui sentar-me á sombra de um tronco encurvado pelo correr dos tempos, cujos galhos nus erguiam-se tortuosos para o ceo como em adoração a Deus ; ahí, encontrando no murmúrum do vento por entre a escuridão, um simulacro dos gemidos do meu coração por entre as fragoas de minha alma, entregue a minhas unicas meditações, deixei correr as lagrimas do arrependimento que lavando-me as faces descoradas pela libertinagem, abrandavam-me a dor intima, e profunda....

O negrume havia desdobrado na amplidão dos ares o mais espesso de seus mantos, e nas torres da Cidade ao longe haviam soado alternativamente as horas da meia noite, quando eu fui arrancado dessa especie de entorpecimento em que me tinha lançado o embate tumultuoso de encontradas paixões, pelo pio monotono, e prolongado de uma cornuja que redomoinhando por sobre a minha cabeça se perdeu no espaço ; ergui-me de subito, e vacillante encostei-me ao tronco que me parecia tremer como

em um terremoto, mendei os olhos ao ceo, e ia pronunciar o nome de Deus, porem a voz se me perdeu nos labios,..... uma mancha rubra se estampava no horizonte e oscillante subia procurando o zenith do firmamento..... parou, e um pingo de sangue veio molhar a terra de onde sem querer meus pés fugiram. D'esta vez não era o bruxolear escasso de um pirilampo que me fazia estremecer, o suor frio que manava-me da fronte ahí estava apontando-me para a realidade ; o sangue gelou-se-me nas veias, e eu cahi com a cabeça abrazada como a de um condenado.

.....
Não sei o tempo que passei assim, mas quando acordei em vez dessa mancha agitando-se nos ares, como um fantasma a debater-se nas vascas da agonia, em vez desse sangue, que, cahindo-me ás plantas, trouxe-me de tropel ao pensamento todos os horrores do meu passado, eu ouvia agora um como que gemer angustiado, que partia das entradas da terra ; sem hesitar mais um momento arranquei do cinto o meu punhal, e cavei, porem a terra me fugia das mãos, e voltava a cobrir tantos soluços, o meu coração (foi talvez uma inspiração) tinha cobrado toda a sua energia, e o meu cavar era firme e compassado como o vibrar de uma pendula ; dir-se-hia o concussionario avaro a desenterrar um thesouro ; ao cabo de algum tempo a ponta do meu punhal resvalou de encontro a uma lamina de ferro, a esperança dobrou-me as forças, cavei com mais affan, e descobri uma caixa de pau chapeada, na tampa havia em relevo uma inscrição, e eu li pelo tacto — *A mulher adultera* — quebrei com precipitação a fechadura, levantei a tampa, e encontrei um terrivel mistério..... nesse seretro estava um corpo de mulher trajada de preto, calçava em um só pé, o outro era frio como a terra que havia pouco lhe servira de lençol ; seus cabellos barbaramente torcidos atavam sobre o peito seus braços mais perfeitos que os de uma estatua ; toquei o seu coração, batia ainda, mas o seu pulsar era fraco como o respirar de um insecto, tinha o rosto coberto por um veo de seda escura ; levantei-a aos homens e corri, atravessei sem quasi o sentir a distancia que me separava da Cidade, internei-me pelas ruas tortuosas, e cheguei á frente de minha habitação ; sem que a voz rouca, e somnolenta de um sentinelha ao menos me tivesse embaracado ; uma luz amarellenta, e titubante como a lampada do morto atravessava os vidros embaciados do meu quarto de dormir, o resto era escuro, e ruinoso ; um não sei que de lugubre havia n'essa luz que eu involuntariamente pa-

rei (a consciencia de tantos crimes me tinha tornado por demais supersticioso) o estremecer porem do meu fardo lembrou-me que era mister proseguir, banì do espirito todas as ideias fantasticas, e inteiramente entregue a realidade, entrei, subi de um salto as escadas carcomidas que rangiam sob meus pés, e em breve achei-me no meu quarto. Descancei a minha preciosa carga sobre a velha meza coberta de papeis desordenados, e dispunha-me a sahir em busca de um medico, quando o rasgar violento de um pano de seda advertiu-me que ja não era necessario ; o ar livre da noite, o frescor da briza, e o abalo do meu caminhar violento, tinham reanimado aquelle corpo gentil ; corri para essa mulher infeliz que havia pouco arrancára do tumulo, e cujas seicões ainda não tinha visto, mas que agora com o rosto descoberto olhava-me com uma expressão misturada d'espanto, amargura e exprobração ; quiz fallar-lhe mas apenas os meus olhos encontraram os d'ella, recuei como fascinado por um espectro, e cahi de joelhos murmurando perdão.....

II

Era ella ! A mulher, cuja extraordinaria belleza me tinha levado a tantos crimes. Era Carlota a quem eu amei ao principio com ternura, mas em cujo coração acobertado pela virtude, o meu amor resvalava como o punhal do assassino na armadura de aço do guerreiro. Era Carlota, a quem eu amei depois com avidez brutal, mas cuja pureza d'alma zombara de todos os meus esforços, como o cume escalvado do rochedo escarnece das impetuosas rajadas do tufão.

Tresloucado por tantas perfeições, despeitado por tanta virtude, tentei separa-la de seu marido (myrre-se o coração, e arda a mente que concebeu tal perfidia), disse a esse homem, amante dedicado, porem a quem eu abominava, que sua mulher o não amava ; que amava a outro, e levei a covardia a ponto de dizer-lhe, que ella lhe era infiel. Dotado de prespicacia e perversidade, convenci-o da veracidade de minhas palavras, e a minha cabeça ardilosa, impune, se não separou do coração envenenado..... maldição ! eu não tinha medido o alcance de minhas palavras, nescio que me não lembrei, que assim como o amor, o ciúme enlouquece, e mata ; que assim como a maldade fria, e calculada, a desesperação assassina e atormenta.

III

Era pois Carlota, essa mulher martyr do amor, e da virtude a quem o mais infame dos

verdugos havia arrancado do tumulo para causar-lhe ainda uma dôr, e depois deixa-la morrer.....

Perdão ! disse ella a tremer, perdão para vós ! oh ! não.. meu Deus, eu não posso, não, eu não vos perdôo, foram as suas unicas palavras, e ella cahiu em uma convulsão de morte.....

Levantei-me, abracei-me a seus pés, que sentia esfriarem, e de espaço a espaço murmurava — perdão — ; ella porem estava morta.....

No outro dia fui encontrado assim, prenderam-me por louco, separaram-me de minha victima, e eu não pude morrer devorado pelos vermes que a consumissem.

A. A. d'AGUIAR WHITAKER.



A SOBERANIA RESIDE NO PODO.

A questão da soberania foi uma das mais controvertidas desde que se deu o devido apreço á sciencia do Direito Publico, e, não obstante a marcha do tempo, se tem conservado sempre revestida do caracter de controversia, que a prohíbe de patentear-se em todo seu brilho. Mas essa falta de identidade nas opiniões provém de se querer confundir o direito em si com o seu exercicio, e de se dar á soberania uma base heterogenea.

Vejamos pois se nos é possivel mostrar em que consiste essa confusão, e indicar qual a sua verdadeira base, a sua legitima origem, que não é outra, senão a nação, como passamos a provar.

O homem é susceptivel de direitos, porque é racional e livre, porque é pessoa : é este um principio intuitivo que não necesita de demonstração : ora, a nação é uma pessoa moral ; logo a nação tem direitos : mas a soberania é um direito ; logo a nação tem o direito de soberania.

Quando este argumento só por si não fosse suficiente para provar esta nossa assertão bastaria considerar-se o facto da sociedade, da sua existencia, para se achar a residencia da soberania.

Todos os homens, sendo racionaes e livres, são como tales dotados da mesma somma de direitos ; ao mesmo tempo porém que elles possuem este thesouro, veem-se impossibilitados de goza-lo plenamente pelos seus esforços parciaes, e por isso a necessidade de coadjuvação os reune, e reunindo-se, elles formam a sociedade, e tornam-se desta maneira identificados no